

Resumo: A formação de comunidades católicas em Santa Catarina muito deve ao zelo de presbíteros dedicados ao acompanhamento pastoral das famílias de colonos fundadoras dos primeiros povoados do estado. São exemplos notórios os padres Guilherme Roer e Augusto Schwirling, entre tantos outros. Missionários infatigáveis no exercício do ministério, inabaláveis em suas convicções religiosas bem como em seus valores humanos, gastaram suas vidas no exercício da diaconia para as comunidades nascentes. Em muitas questões pastorais adiantaram-se no tempo, como a introdução do culto dominical dirigido por leigos e o interesse pelas questões sociais e econômicas dos fiéis. Viveram na prática algumas das intuições da teologia latino-americana da atualidade. São, assim, memórias dignas de serem recordados e em muito são exemplos a serem seguidos pelos presbíteros do nosso tempo.

Abstract: The erection of Catholic communities in Santa Catarina was due to the zeal of priests dedicated to the Pastoral attendance of the families of the primitive settlers who were the pioneers of the first settlements in the State. These priests are notorious since the beginning and their names are constant reminders of outstanding leadership among others such as Guilherme Roer and Augusto Schwirling. They were indefatigable missionaries engaged in ministry, unshakeable in their religious convictions and human values, labored and spent their lives in the service of diakonia for the benefit of the early communities. In the Pastoral activities they were ahead of their time such as the introduction of the religious service on Sundays celebrated by laymen and the interest in social and economic areas in the life of the parishioners. Their life was imbued in practice by the intuitions of the theology of Latin America of today. They are indeed worthy to be remembered and serve as examples to be followed by the presbyters of our time.

Perfis de Presbíteros missionários em Santa Catarina

*José Artulino Besen**

* O autor, membro do Instituto Histórico-Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, é professor de História da Igreja no ITESC e Pároco do Santíssimo Sacramento, em Itajaí.



1 Padre Guilherme Roer Apóstolo e fundador de comunidades

Guilherme Roer nasceu em Warendorf, Alemanha, em 1821, numa família de relojoeiros e joalheiros. Mais tarde seus pais mudaram-se para Münster. Foi ordenado presbítero em Hildesheim, em 1857. Querendo consagrar-se aos compatriotas emigrados, chegou ao Brasil em 1860, sendo encaminhado pelo bispo do Rio de Janeiro ao Pe. Carlos Boegerhausen, recém chegado em Joinville.

Em 1860 dirige-se a Vargem Grande, e fixa residência em Teresópolis, donde será Cura de seis de março de 1862 até 1889. Mesmo com todo o trabalho nessa grande e difícil região, em 1870 foi vigário encarregado de São Pedro Apóstolo em Gaspar, ofereceu atendimento pastoral aos colonos alemães de Blumenau de 1869 a 1872 e, de 1872 a 1883, foi vigário encarregado de São Pedro de Alcântara.

A serviço dos imigrantes alemães de Teresópolis

Nos anos 1860-1863 chegaram a Santa Catarina famílias de agricultores vestfalianos e foram assentados em Teresópolis e na sua extensa região serrana. Posteriormente 12 famílias mudaram-se para Blumenau, no vale fértil do Testo, onde construíram a capela de São Ludgero e ali foi visitá-los o Pe. Roer.

A região de Teresópolis e de Vargem Grande, como a de São Pedro de Alcântara, não era de terra fértil. A chegada do Pe. Roer animou esses colonos espiritual e economicamente. Pe. Roer era um homem prático: plantou uma horta para servir de modelo aos colonos e, no andar térreo da casa paroquial, instalou uma oficina, onde exercitava as habilidades adquiridas na casa paterna: fazia os relógios novamente funcionarem, no torno mecânico fabricava castiçais de madeira, cruzes, molduras para quadros e sacras do altar.

Era um padre profundamente piedoso: persuadia os colonos no cultivo da verdade, concórdia e amizade sincera, virtudes típicas das boas famílias católicas. Introduziu o Culto dominical dirigido por leigos, criando a tradição dos Capelães que dirigiam o Culto, celebravam sepultamentos, organizavam o coral. Para garantia do bom atendimento, nomeava os melhores homens para a Diretoria das igrejas. Procurou



logo organizar escolas paroquiais cujos professores eram colonos mais instruídos.

Algumas visitas aos enfermos demandavam dias a cavalo: nunca se omitia. Algumas vezes por anos visitava os colonos alemães de São Pedro e Biguaçu, numa viagem de 8 a 10 horas a cavalo. Fadiga não era argumento para omissão.

Colonizador de horizontes largos

Em 1870, Pe Guilherme Roer foi chamado a um doente no quase despovoado Braço do Norte, da paróquia de Tubarão, com dois dias de viagem pela mata, através de veredas. No regresso percebeu como aquela terra era fértil. No primeiro encontro com os colonos em Teresópolis, falou-lhes com entusiasmo das terras que vira. Formou uma comissão de ordem prática, para preparar uma possível migração dessa comunidade para o Braço do Norte. Sob a direção de Bernardo Schlickmann, um pequeno grupo dirigiu-se àquela terra, retornando cheio de entusiasmo, quase reproduzindo a bíblica inspeção dos hebreus às portas da Terra Prometida. Houve muitas adesões.

Pe. Roer, prático e organizado, visitou o Pe. Boegershausen em Joinville, de quem recebeu o consentimento para a nova migração e uma carta de recomendação dirigida às autoridades da Província. Em seguida foi a Desterro (Florianópolis) e obteve êxito junto aos Ministérios. Com essas recomendações embarcou para o Rio de Janeiro, obtendo audiência com o Imperador Pedro II, bom conhecedor do alemão e amigo dos colonos alemães. Resultado: o Governo imperial doava 300 jeiras de terra (83.160 m²) para cada família que se dirigisse ao vale do Braço do Norte, com facilidades de pagamento.

A colonização do Braço do Norte efetuou-se nos anos 1873-1875. O Governo provincial fez o traçado das estradas principais, a construção de pontes, a preparação dos centros urbanos para igrejas, escolas e medições de lotes. Os colonos, por sua vez, deveriam procurar nos mapas dos agrimensores sua futura propriedade.

No terreno de Bernardo Schlickmann, sob uma frondosa figueira, foi erguido um altar, ornamentado por Ana Füchter (mãe do Pe. Nicolau Gesing, primeiro padre de Braço do Norte). Pe. Roer, em meio ao júbilo de todos, celebrou a primeira Missa. Pediu que preservassem a fé, os costumes e a língua alemã. E que participassem do Culto dominical.



Duas vezes por ano, Pe. Roer passava algumas semanas com seus vestfalianos em Braço do Norte, garantindo que a fé conservasse a união dessas famílias lançadas num ambiente promissor, e ainda difícil, um ambiente também ocupado por índios, que enfrentaram os invasores: eram pobres diante de pobres.

O zelo pastoral, o cansaço e a doença

Um colono observou que Pe. Roer passava a maior parte do ano encima de uma sela de montaria. Viagens difíceis, com doenças e acidentes, para celebrar Missas, confessar doentes, catequizar. Dores reumáticas e gota minavam o já enfraquecido corpo do velho cura. Apesar disso, queria sempre levar os Sacramentos aos doentes, mas já necessitava de dois homens cavalgando em apoio para evitar quedas.

Na última viagem a Braço do Norte, em 1887, a doença o prostrou. Rezava a Missa uma ou outra vez e à noite sempre fazia uma oração comum, com breve mensagem. O corpo não acompanhava o zelo do sacerdote.

Reunindo as últimas forças, ainda enfrentou três dias para a viagem de retorno a Teresópolis. Então persuadiu o amigo Bernardo Steen a escrever ao bispo de Münster, expondo a situação dos colonos católicos e pedindo um sucessor para Pe. Roer. Ao saberem da carta, os colonos de Teresópolis também escrevem uma carta ao Vigário Geral de Münster, assinada por M. Schmitz, em 14 de julho de 1889. Afirmam que Braço do Norte não tem condições de sustentar um padre, que pertence a Tubarão e que Teresópolis, sim, necessitava de um padre.

A carta, publicada no Jornal da diocese de Münster, teve resultado imediato: candidatou-se o jovem padre **Francisco Xavier Topp**, que viajou para o Brasil em 1889. Foi o grande presente de Deus para a Igreja catarinense que, por mais de 30 anos, nele encontrará um animador e organizador apostólico.

Pe. Topp não teve a graça de encontrar-se com seu antecessor. Nesse mesmo ano, 1889, Pe. Guilherme Roer foi internado no Hospital São Francisco de Porto Alegre, recebendo as melhores atenções.

Foi ali que esse ardoroso apóstolo entregou a alma a Deus em oito de outubro de 1891, aos 70 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério São José.



Os colonos de Teresópolis não o esqueceram. No Cemitério local foi-lhe erguido um monumento, onde se lê, em alemão:

*“Em memória do 1º Vigário de Teresópolis,
Pe. Guilherme Roer.
Nascido em Warendorf, Vestfália, em 1821.
Morreu no Hospital São Francisco de Porto Alegre,
Aos 8 de outubro de 1891.
Sacrificou-se pela Salvação das Almas de seus Paroquianos.”*

Obs.: Leia-se um ótimo texto em: SCHÄTTE, Estanislau, OFM. *Padre Guilherme Roer – 1860/1889*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLVIII, N.05-06 – maio/junho de 2007. Tradução de Pe. Dorvalino Koch, SCJ.

ANEXOS: Documentação da época

1. Carta enviada pelos colonos alemães de Braço do Norte (São Ludgero) ao Bispo de Münster (Alemanha) – 01 de junho de 1887. Tradução: Ir. Cléa Fuck. (Diocese de Tubarão – Arquivo da Paróquia São Ludgero).

O primeiro documento tem um significado especial, pois traz os nomes de todos os fundadores alemães de São Ludgero com as paróquias alemãs de sua proveniência.

Rev.mo Sr. Bispo!

Os abaixo-assinados, moradores e fundadores de uma nova colônia alemã na floresta virgem do Brasil, se unem para dar conhecimento a V. Rev.ma da grande penúria que nós sofremos no tocante à nossa cura de almas, na esperança de que V. Rev.ma seja inclinado a socorrer-nos misericordiosamente em nosso abandono.

São agora passados mais ou menos 14 anos desde que deixamos nossa pátria, a saber, a querida terra de Münster, para encontrar aqui no Brasil uma nova pátria e tivemos logo a grande sorte de aqui pertencer a uma paróquia alemã entregue ao Rev.mo Pe. Guilherme Roer, natural de Münster, e morávamos, na maioria, próximos dele, apenas umas duas a três horas distantes.

Mas, para nossa tristeza, convencemo-nos ao longo de dez anos de que nos tínhamos estabelecido numa terra muito infértil e assim nos vimos forçados a ir em busca de melhores terras e a começar tudo de



novo. Graças à boa mediação de nosso Rev.mo Senhor Padre junto ao Governo, foi nos permitido comprar as terras onde agora moramos, a um preço bem acessível, terra muito boa, localizada junto ao Rio Braço do Norte, distrito de Laguna, Província de Santa Catarina. Já há quatro anos moramos agora nestas terras e as cultivamos, muito satisfeitos com a fertilidade, podendo assim, com a bênção de Deus, encarar com tranqüilidade o futuro, em relação às preocupações temporais com a alimentação.

Tanto mais triste é, contudo, a nossa sorte quando pensamos em nosso bem espiritual (nossa cura de almas), porque nos mudamos da paróquia de nosso bom padre para uma paróquia brasileira, que também tem um padre, mas que não entende nada de alemão e nós falamos muito mal a língua daqui. Nos últimos quatro anos tivemos ainda a grande graça de ver o Rev.mo Pe. Roer em nosso meio uma vez por ano, mas isso não nos pode dar esperança para o futuro, considerando as grandes dificuldades que ele tem em sua própria paróquia, cuja extensão é de vários dias de viagem e além disso a sua idade avançada, como também a distância daqui até sua sede, chamada Teresópolis, de ao menos quatro dias de viagem a cavalo.

Moramos aqui em número de 60 a 70 famílias católicas alemãs, próximas umas das outras e mais um número considerável de famílias brasileiras que são muito ligadas a nós. Nós todos juntos, em nossa extrema preocupação, recorreremos então agora aos pastores da nossa antiga pátria e pedimos, com o maior respeito, que V. Rev.ma se digne acolher-nos favoravelmente e consolar e alegrar-nos com o envio de um bom sacerdote.

Embora não tendo condições de fazer grandes promessas, já dispomos de um belo chão situado aqui no meio de nós e nos comprometemos a construir uma residência decente, como também boa horta, pasto, etc., para uso de um padre. Mas prometemos sobretudo acolher esse nosso padre com a maior alegria e manifestar-lhe a nossa gratidão através de fiel devotamento e obediência.

Profundamente entristecidos pelas grandes tribulações dos bispos e sacerdotes no Reino alemão, não deixaremos de pedir a Deus em nosso culto comunitário que se digne conceder a paz à sua Igreja, e nos firmamos,

De V. Rev.ma, obedientes e respeitosos, com os seguintes nomes:



Comunidade paroquial de Asbek:

Bern. Steen, Bern. Fedder, Herm. Niehues, Ant. Niehues, Henr. Röttgers, Jos. Nürnberg, Henr. Köhlkamp, Henr. Eising, Henr. Wessling, J.Gerh. Brüning, Joh. Brüning

Comunidade de Borghorst:

Henr. Kauling, Ant. Schreiber, Aug. Hülse, Victor Hülse

Comunidade de Coesfeld:

Jos. Bering, Hem. Hobold, Hern. Eying, Franz Eying, Herm. Eying

Comunidade de Darfeld:

Th. Everhardt

Com. de Eggerode:

Ant. Oenning, Henr. Oenning, Wilh. Oenning

Com. de Epe:

Ber. Schmitz, Joh. Blömer

Com. de Heeck:

Aug. Stange

Com. de Legden:

Bern. Voss, Herm. Voss, Ant. Efting, Bern. Efting, Joh. Borgert

Com. de Leer:

Henr. Schmöller

Com. de Metelen:

Ant. Kestering, Herm. Kestering, Christoph Schmöller

Com. de Schöppingen:

Bern. Schlickmann, H. Henr. Schlickmann, J. Bern. Schlickmann, Henr. Schlickmann, Jodokus Söte, Ant. Söte, Ant. Diemon, Herm. Stening, Henr. Füchter, Herm. Füchter, Ant. Heidemann

Com. de Stadlohn:

Henr. Buss.

Com. de Velen:

Henr. Böing



Com. de Wällen:

Bern. Locks, Herm. Gesing, Wilh. Wernke, Th. Wernke

Com. de Wessum:

Joh. Schwemlein

Com. de Köln:

Rubert Daufenbach

De Solingen:

Joh. Esser, Daniel Esser, Reinhardt Esser, Aug. Faust, Erndt Faust, Wilh. Seuber

De Trier:

Peter Heinzen, Math. Heinzen, Jos. Heinzen, Joh. Meierer, Franz Loch, Math. Loch, Manuel Loch, Joh. Loch

Braço do Norte, 01 de junho de 1877.

2. Carta de M. Schmitz ao sr. Theising em Münster

É digna de lástima a comunicação que o senhor me enviou: os fabriquiteiros de uma igreja fazerem tal pedido e quererem um padre, para cujo sustento não existe nenhuma perspectiva. Um padre também precisa o necessário para poder viver.

É verdade que no Braço do Norte há duas capelas, mas não é paróquia, pertence a Tubarão. De acordo com os requisitos que aqui se exigem, tão cedo aquela localidade não será paróquia.

O sr. Pastor Roer visitou aquelas capelas diversas vezes, demorando-se mesmo semanas inteiras por lá; mas só com licença do respectivo vigário de Tubarão ele pode exercer o ministério sacerdotal: batizar e fazer casamentos, remetendo-lhe também os emolumentos auferidos. Para ele sobrava apenas a comida e a bebida, particular em que os colonos mostraram muita generosidade. O sr. Roer também não tinha necessidade de dinheiro, pois é dono de uma bela fortuna. Mas, que poderia fazer lá um padre novo? Seria mais conveniente e muito para desejar que o sr. Bispo de Münster se interessasse pela vinda de um padre para aqui. Aqui existe a paróquia; conta com 30 famílias vindas de Trier e Münster, e tem além da matriz, aqui na localidade, 9 capelas. Mas esta paróquia está órfã.



O sr. Roer ainda mora aqui, mas devido à enfermidade e achaques da velhice não pode mais exercer a cura de almas. Já vai para um ano que nem ao menos pode rezar missa. Ele também requereu ao Bispo a dispensa e foi atendido. Também ele deseja muito que venha um padre para ocupar o seu lugar. Mas conseguir um padre alemão será coisa muito difícil e assim a paróquia pode ficar por muito tempo sem cura de almas. Algumas vezes esteve aqui um missionário italiano, que conhece muito bem a língua alemã, e fez os trabalhos necessários. Que este no futuro venha de tempo em tempo é incerto.

Atenciosamente o saúda o seu muito afeiçoado

M. Schmitz

Teresópolis, 14 de julho de 1889.

3. Carta do Pe. Roer ao Dr. Giese, Vigário Capitular de Münster

Os católicos alemães da Província de Santa Catarina pertencem à Província Eclesiástica do Rio de Janeiro, onde é Bispo Dom Pedro de Lacerda, cujo bispado se chama São Sebastião.

Para fazer a viagem, o mais prático é tomar em Hamburgo um vapor alemão-sul-americano com escala no Rio de Janeiro, para aí imediatamente apresentar-se ao Exmo. Sr. Bispo, ou ao seu Vigário Geral. Felizmente encontra-se um padre alemão, Regens Hehn, no Seminário São José, que sempre se dispõe a fazer os contatos entre os padres alemães e o Exmo. Sr. Bispo. Já faz alguns anos, eu expus ao Exmo. Sr. Bispo a necessidade de enviar um sacerdote alemão para Braço do Norte e arredores, mas não recebi resposta, certamente por escassez de sacerdotes alemães, e apesar de eu mesmo, por causa da idade e da enfermidade, me ter oferecido para esse lugar.

Quem pode testemunhar em favor do feliz progresso da população do Braço do Norte é o Príncipe Conde d'Eu, esposo da Princesa Isabel, que veio visitar os alemães e lá me encontrou doente. Até agora o Exmo. Sr. Bispo ainda não conseguiu encontrar uma solução definitiva para os católicos de lá.

Seria muito conveniente se o novo sacerdote trouxesse um cálice simples e um pequeno vaso com três divisões para os santos óleos. Alguns paramentos poderiam ser doados por benfeitores, assim como me foram presenteados alguns por uma instituição piedosa, cuja direção era



presidida por uma senhora de Hartmann; um cálice me foi presenteado pelo falecido Bispo João Jorge Müller. Uma pequena pedra de ara para a viagem seria de muita utilidade. Um dicionário de português de Bösche em dois volumes, ou então o de F. Moelheim, 2ª edição, com gramática de Bösche, seria suficiente.

Eu mesmo, alquebrado de corpo e alma, vou retirar-me a um hospital da Província do Rio Grande do Sul das Irmãs de São Francisco em Porto Alegre.

P.S. Um pequeno missal em 12 de Dessain, Mecheln; o de Pustet é muito pesado.

Oremus pro invicem e pela feliz viagem do novo sacerdote, cujo sustento pode muito bem tomar sobre si a rica comunidade alemã.

P. Guilherme Roer

Teresópolis, 8 de outubro de 1889

Ao Revmo. Vigário Capitular do bispado
de Münster, Dr. Giese.

4. Carta do Dr. Giese, Vigário capitular de Münster, ao Pe. Francisco Topp

A seu pedido, e em consideração especial da aflitiva situação dos católicos da Westfália e da Renânia aí residentes, como também da vocação para as missões estrangeiras que acredita ter, queremos autorizá-lo a assumir o posto de missionário em Braço do Norte, na Província de S. Catarina, no Brasil, concedendo-lhe para esse fim uma licença por tempo indeterminado do grêmio diocesano. Ao mesmo tempo, concede-se-lhe explicitamente o direito de poder retornar à diocese de Münster.

Por meio deste queremos desincumbi-lo, a partir de 10 de dezembro do presente ano, da função de capelão que atualmente exerce na paróquia de Lüdinghausen. No Brasil ficará sob a jurisdição do revmo. Senhor Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro (Sancti Sebastiani Fluminis Januarii) Dom Pedro Maria de Lacerda, a quem deverá apresentar as *Litterae commendatiae* anexas.

Expressando-lhe o nosso especial reconhecimento e nossa gratidão pela dedicação com que até agora se empenhou em sua diocese na terra natal, bem como pelo zelo presbiteral que demonstrou no exercício da



cura de almas, despedimo-lo com os melhores votos para a sua nova tarefa e lhe almejamos a especial bênção de Deus.

Münster, 29 de novembro de 1889
O vigário capitular (do Cabido)
Ass..Dr.Giese
Ao Senhor
Revdo.Capelão Topp
em Lüdinghausen

2 Padre Augusto Schwirling Missionário do Alto Capivari

Padre Augusto Schwirling inclui-se na cepa dos missionários incansáveis, corajosos, de resistência física, espiritual e moral a toda prova. Dele pode-se dizer que viveu no mato, nas clareiras onde se fundavam comunidades de imigrantes alemães e seus descendentes, em Santa Catarina. Parou apenas quando não podia mais continuar suas andanças missionárias e pastorais.

Nascido em Lichtenau, Westfália, em 25 de fevereiro de 1872, diocese de Paderborn, foi ordenado presbítero em 22 de março de 1895. Na Alemanha foi capelão em Guterslach, Halle e Langendreer. Chegou ao Brasil em 1907, impulsionado pelo mesmo ardor missionário do Pe. Carlos Boegershausen (1833-1906), o primeiro pároco de Joinville, de quem foi vigário paroquial, mas destinado a percorrer as regiões distantes onde se fixavam os colonos alemães.

Sua vinda para o campo missionário foi irreversível e já em 22 de julho de 1910 recebeu a incardinação na diocese de Florianópolis. Fato original: em cinco de maio de 1930 o Vigário Geral de Paderborn pede notícias do Pe. Augusto, que deixando a diocese em 1907, não se sabia se tivera incardinação ou não. Mais tarde Pe. Schwirling comenta que, sendo missionário, muitas coisas não seriam necessárias. Para que tudo ficasse em ordem, com data retroativa em 21 de janeiro de 1930 fez o juramento de pertencer perpetuamente à Arquidiocese de Florianópolis. Enfim, em 29 de agosto de 1930, Paderborn envia a excardinação e, em 25 de setembro de 1930, Dom Joaquim o incardina na Arquidiocese de Florianópolis.



Generoso ímpeto missionário

Um ano após a chegada em Joinville, já estava na região do Capivari, um imenso sertão verde. Em 1º de agosto de 1909 celebrou a primeira Missa em Anitápolis e deu início à construção da capela. O Chefe interino do Núcleo Lauro Müller (Anitápolis) pede ao bispo que o nomeie professor de religião com a subvenção mensal de 200\$000. A Comissão manda construir casa para escola e reserva lotes para o professor e sacerdote. Em 30 de dezembro do mesmo ano foi nomeado Cura de Teresópolis, colônia fundada em 1860 e atendida pelos franciscanos até 1899.

Homem tomado pelo zelo do Bom Pastor, amplia seu campo de ação para além dos limites do Curato que, diga-se a verdade, eram muito indefinidos. Em 23 de dezembro de 1910 as capelas de Löffelscheidt e Vargem Grande passam a Teresópolis. Cavalos, charrete, pernas, eram seu dia-a-dia. Tudo o que se referia aos colonos lhe interessava. Em 18 de dezembro de 1916, cita os Núcleos coloniais assistidos por ele. Eram três: Anitápolis (federal), Rio Abaixo do Itajaí (Companhia Colonizadora catarinense) e Rio Novo (Rio Alferes – Alto Porto de Boa Vista). Pe. Augusto escreve que esse último Núcleo foi “improvisado por intrusos nacionais”, isto é, por brasileiros. Em 1917 recebe um breve socorro do Pe. Carlos Führtjohann, que logo se retirou, não resistindo à carga de trabalho.

Em relatório de 1918 cita mais detalhadamente as igrejas e capelas a que atendia: Matriz do Curato de Teresópolis; Capela de Santa Teresa do Itajaí do Sul, Capela de Bom Jesus do Barracão; Capela de Santa Brígida do Rio Novo; Capela de São Paulo do Braço do Norte – Pinheiro; Capela de Nossa Senhora da Assunção de Löffelscheidt; Capela de Nossa Senhora da Conceição de Rancho Queimado; Capela de São Bonifácio de Taquaras; Capela de Santa Isabel do Rio dos Bugres. Além desses espaços construídos, Pe. Schwirling celebrava em 30 Casas particulares, num território onde hoje se situam os municípios de Rancho Queimado, Anitápolis, São Bonifácio, Ituporanga, Vidal Ramos, Rio Fortuna, São Martinho e Armazém.

De dezembro de 1911 a junho de 1912 Pe. Schwirling esteve na Alemanha para recuperar a saúde e as forças, e também para angariar recursos para as escolas paroquiais, ponto de honra em cada comunidade: não se entendia colônia alemã sem escola paroquial.



Fundador de comunidades

A exemplo do Pe. Guilherme Roer (1821-1891), que tinha encaminhado colonos para o Vale do Braço do Norte, Pe. Schwirling refaz o projeto, mas partindo do rio Maracujá que nasce em Anitápolis e deságua no Alto Vale do Rio Itajaí-mirim, percorrendo as regiões vizinhas em busca de terras melhores para os colonos alemães. Deve-se ao Pe. Schwirling o início do povoamento das regiões que hoje constituem Ituporanga, Vidal Ramos e Presidente Nereu, nas cabeceiras do Itajaí Mirim, no período de 1912 a 1928. Deu início à organização eclesial da imensa região, contando com o auxílio missionário ocasional do Padre Bernardo Blasing e dos franciscanos Frei Húmilis e Frei Meinrado.

Esse pioneirismo esbarrou num obstáculo: a presença ancestral dos índios botocudos, ameaçados pela penetração tanto dos colonos que vinham do Alto Vale como dos que subiam pelo Itajaí-mirim, procedentes de Brusque.

Assistimos, desse modo, às terríveis expedições de *bugreiros*, grupos de colonos pagos para literalmente caçar e matar índios, uma página triste da história catarinense. Pe. Schwirling, em seu zelo pelo bem-estar e segurança dos colonos, participou infelizmente de algumas dessas expedições. Numa delas, afugentado pelos índios, caiu numa ribanceira, por pouco não morrendo. Sobrou-lhe uma cicatriz na testa. Eram pobres contra pobres, todos buscando a sobrevivência.

Preocupado com o desenvolvimento da comunidade de Teresópolis, com recursos que trouxera da Alemanha e a colaboração dos colonos, em 1920 fundou nela a primeira indústria: a **Sociedade Cooperativa de Teresópolis** – *Refinação de Banha, Salsicharia, Fabricação de presuntos, compra e venda de todos os produtos coloniais*. A experiência não teve longa duração, pela dificuldade na colocação dos produtos, mas retrata o interesse do padre pelos seus colonos.

A messe é grande, poucos os operários

Em 1919, devido ao muito trabalho, pede o deslocamento do Pe. Ernesto Schulz de Orléans para auxiliar de Teresópolis, pois o sentia-se impotente diante da vastidão do campo apostólico. Não sendo atendido, em 1922, com dor no coração, pede a Dom Joaquim um outro posto, em



qualquer local da diocese. É-lhe oferecida a Coadjutoria de Imaruí, Laguna, Quadro do Norte, sabendo-se que ele não aceitaria essa mudança.

A solução veio no mesmo ano: os franciscanos de Santo Amaro da Imperatriz assumem Teresópolis e Pe. Augusto fixa residência no Alto Capivari, São Bonifácio. Por 23 anos (1922-1945) será o zeloso pastor de São Bonifácio. Muitas vezes deve ter lembrado São Bonifácio, o grande apóstolo da Alemanha no século VIII.

Em 1920 pede a Dom Joaquim o envio das Irmãs que tinha conseguido na Alemanha para residirem no Curato. Dom Joaquim responde, a seu modo, que as Irmãs já tinham sido fixadas em Vargem do Cedro, criado Curato em 1921. Creio que as próprias Irmãs tenham estranhado a solidão e as dificuldades de viver em Teresópolis. Era lugar para missionário corajoso.

Em 1921 os Padres dehonianos assumem o Curato de São Sebastião de Vargem do Cedro e Pe. Schwirling, para atendimento de algumas comunidades, de 1926 a 1932 será vigário encarregado do mesmo curato, com residência em São Bonifácio. Por sua vez, o dehoniano Pe. Gabriel Lux, grande benfeitor de Azambuja no início do século, assume como vigário. A situação geográfica complicada possibilitava esses arranjos de vigário e vigário encarregado simultâneos. Em 1926 são reanexadas a Rodeio e Blumenau as capelas de Barracão (Ituporanga), desmembradas do Capivari.

Em 1935, Dom Joaquim fica sabendo que o Pe. Schwirling continua atendendo Anitápolis e até encaminhando a construção de casa paroquial e construindo igreja de tijolos em São Francisco de Sales de Maracujá (que pertencia a Rio Fortuna). Dom Joaquim pede que apresente provisão que o autorize a isso e lhe oferece Teresópolis, “vaga”, com os Freis sobrecarregados.

Preocupado e obediente, embaralhado mesmo sobre qual seja o território de sua jurisdição, em dois de agosto de 1935 Pe. Schwirling pede esclarecimentos sobre os limites da sua paróquia. Seu raio de ação era tão vasto e cansativo que ele não sabia que Anitápolis e Rio Fortuna não eram mais de seu paróquiato. Com zelo de pastor, pensava que, tendo faculdades de vigário, poderia se embrenhar pelo imenso sertão de morros, vales e colinas. Por 10 anos atendera Anitápolis e depois da Guerra de 1914-18 a trocara com Taquaras (Barracão), Santa Teresa e Rio Abaixo porque “quis tocar a nossa boa mocidade para lá e não para



Anitápolis, com muitos imigrantes não bons. Também as terras eram muito melhores em todas as condições no Rio Abaixo. Esse troco foi intermediado por meu coadjutor d'aquele tempo, Pe. Bernardo Bläsing, em Rio Fortuna”.

Narra igualmente que entregou as capelas de São Martinho do Capivari e São José de Rio São João para Rio Fortuna, pois eram capelas muito distantes de Teresópolis: 14 horas a cavalo. Assim também entregou Rio Abaixo (Ituporanga) aos franciscanos e aceitou novamente Anitápolis.

Na mesma carta, a respeito das construções, escreve a Dom Joaquim: quanto ao fato que a Cúria pede as plantas das Capelas: ”Nestes lugares retirados fora do comércio, pobrezinhas, não há profissionais (pedreiros, marceneiros, carpinteiros – nem sapateiros nem alfaiates, etc.) e se tiver não sabem fazer uma planta, e se tiver planta, não sabem executar”.

Então aceita a provisão para Teresópolis, pedindo comunicação sobre quais capelas paroquiar e onde residir. De Teresópolis a Capivari são 6 horas de viagem e para a capela de Santa Maria, mais 4 horas. E com frequência deve ir a Vargem do Cedro celebrar para as Irmãs que não devem ficar duas semanas sem Missa: isso quando Pe. Gabriel Lux SCJ está visitando capelas.

Resumindo: Pe. Augusto passa a atender Teresópolis e Capivari (São Bonifácio).

Cansado e com problemas de saúde, em 30 de março de 1937 pede e recebe licença para passar três meses na Alemanha a fim de encaminhar um herdeiro para os bens paternos, pois ele é o filho mais velho e dois irmãos tinham morrido na Guerra. Como desejasse visitar mais uma vez toda Anitápolis e celebrar Pentecostes e Corpus Christi em São Bonifácio, embarcou só em 15 de junho em São Francisco do Sul, no vapor General Artigas.

De Lichtenau, em 22 de agosto de 1937, escreve que “arranjou com as Irmãs Dominicanas duas Irmãs professoras e uma enfermeira; arrumou dois padres e estudantes de teologia no último ano, até terminarem os estudos no Brasil e aqui serem ordenados.

Em dois de setembro de 1937 o Secretário do Arcebispado responde: “O Sr. Arcebispo autoriza-o a trazer dois Padres (não mais que dois), *sem compromisso de colocação e sujeitos, em tudo, ao regime desta*



Arquidiocese. Seminaristas, *não aceita*, a menos que se comprometam a fazer o curso completo de Teologia, ou em Roma, ou em São Leopoldo”. Nada feito, portanto. Dom Joaquim não via com bons sentimentos povoar a Arquidiocese com clero alemão.

As Irmãs Dominicanas de Speyer vieram, mas Dom Joaquim as encaminhou para Araranguá, depois de breve passagem por Teresópolis e Capivari. Mais um vez, Pe. Augusto se vê sem a presença oportuna das religiosas. Mas não reclama. Tinha forte o sentido da obediência às autoridades.

Dos muitos trabalhos, pouca saúde

O velho guerreiro vê a fraqueza tomar conta do corpo. Em 31 de dezembro de 1939 escreve a Dom Joaquim que está para fazer 68 anos e que, ao arrancar um pé de mata-pasto teve um choque tão forte ao redor do coração que em 14 dias não podia mais trabalhar. Pede para ser aposentado em São Bonifácio e que Teresópolis e Anitápolis (50 km distante) sejam atendidas pelos Franciscanos. Em 5 de janeiro, o Secretário (Pe. Roberto Wirobek) escreve que “S. Excia. já tem um ‘padre prontinho’ que será coadjutor com residência em São Bonifácio para atender Teresópolis e Anitápolis”. E conclui, no típico estilo de Dom Joaquim: “Mas deixe-se de mata pasto; não vá o pasto virar em mata-pasto”.

Em 22 de junho de 1941 escreve à Cúria estar atacado de dor na anca esquerda, sendo assim custoso andar a cavalo, para não dizer impossível.

Em 18 de junho de 1943 dirige-se mais uma vez à Cúria, no fim de suas resistências físicas: “Não posso caminhar! Doe sempre mais a perna, no lugar abaixo do joelho, onde apanhei um coice do animal. Só deitado com a perna posso agüentar. Não se vê nada por fora, não parece encarnado, não inchado: decerto é uma *Quetsihung* no osso”.

Pe. Walmor de Castro era o “padre prontinho”. Por ser “brasileiro” e disso se orgulhando, já tivera problemas com os padres Miguel Giacca e Luiz Gilli, italianos. Em 10 de maio de 1944, Pe. Schwirling escreve que Pe. Walmor se fora embora para Laguna, pois não aceitava confissões em alemão. Espera agora o Pe. Ludgero Locks: “Sinto-me também velho e doente do coração irregular (legero-devagar – forte – fraco – fechando). Não posso mais andar montado nem de aranha”.



Os últimos anos

Dom Joaquim tinha claro que Pe. Augusto deveria ser recolhido para um merecido repouso. Veio a calhar a Chácara do Hospital de Azambuja, em Santa Teresinha, Brusque, onde as Irmãs da Divina Providência tinham residência, e lhe oferece o posto de Capelão. Em sete de dezembro de 1944, Pe. Augusto escreve à superiora Irmã Servanda que aceita em tudo as condições para a Chácara de Azambuja e está contente. Em 15 de janeiro Dom Joaquim lhe escreve e pergunta se é possível criar a Paróquia de São Bonifácio sem Anitápolis, e quais seriam os limites definitivos. Era o último consolo para o Padre que percorrera aquelas regiões por 46 anos. E era a despedida.

Em 23 de fevereiro de 1945 fixa residência em Azambuja, Brusque como Capelão das Irmãs na Chácara Santa Teresinha. Anos depois deixou a Capelania e fixou residência no Seminário, pois perdera quase completamente a memória. Tinha apenas lampejos de recordações.

Deus o chamou em 16 de janeiro de 1961 e foi sepultado no Cemitério de Azambuja. Cristo Sumo Sacerdote o coroou com 54 anos de apostolado no Brasil, 89 anos de vida e 66 de sacerdócio.

O povo de São Bonifácio não o esqueceu. Por iniciativa da comunidade e do Pe. Sebastião van Lieshout SSCC, em dois de novembro de 1970 seus restos mortais foram transportados para São Bonifácio.

Endereço do Autor:

Paróquia do Santíssimo Sacramento,
praça Irineu Bornhausen s/n, Centro,
CEP 88303-026 Itajaí, SC
E-mail: jabesen@terra.com.br